
 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-21, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.48873</p>	

SEÇÃO: 30 ANOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO NO RS

O desenvolvimento da Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul: entre continuidades e rupturas

The development of Post-Graduation in Communication in Rio Grande do Sul: between continuities and ruptures

El desarrollo del Posgrado en Comunicación en Rio Grande do Sul: entre continuidades y rupturas

Juremir Machado da Silva¹

orcid.org/0000-0001-8105-5596
juremir@pucrs.br

Antonio Fausto Neto²

orcid.org/0000-0002-5952-3880
afaustoneto@gmail.com

Christa Berger³

orcid.org/0000-0002-2726-1134
christab177@gmail.com

Maria Helena Weber³

orcid.org/0000-0002-7921-4524
maria.weber@ufrgs.br

Pedro Gilberto Gomes²

orcid.org/0000-0001-8287-4307
pgomes@unisinios.br

Veneza Ronsini⁴

orcid.org/0000-0002-8669-3148
venezar@gmail.com

Otávio Daros⁵

orcid.org/0000-0003-0738-8207
otavio.daros@gmail.com

Recebido em: 12. set.2025.

Aprovado em: 16. set.2025.

Publicado em: 18 nov. 2025.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo: Na passagem da década de 2000, o Rio Grande do Sul deixou o lugar de coadjuvante para se projetar nacionalmente como um polo de formação de recursos humanos e produção de conhecimento na área de Comunicação. Para tratar dessa experiência de expansão, advinda com a introdução dos cursos de doutorado, a presente publicação reúne depoimentos de Juremir Machado da Silva, Christa Berger, Maria Helena Weber e Veneza Ronsini. Mas também de Antonio Fausto Neto e Pedro Gilberto Gomes, que comentam a descontinuidade do programa da UNISINOS, após a obtenção do conceito máximo na avaliação nacional da área — meta hoje no horizonte da PUCRS, UFRGS e UFSM.

Palavras-chaves: Mestrado e doutorado; Campo acadêmico da Comunicação; História da pós-graduação; Região Sul.

Abstract: At the turn of the 2000s, Rio Grande do Sul went from being a supporting player to a national center for human resources training and knowledge production in the field of Communication. To address this expansion, which occurred with the implementation of doctoral programs, this publication brings together testimonies from Juremir Machado da Silva, Christa Berger, Maria Helena Weber, and Veneza Ronsini. It also features Antonio Fausto Neto and Pedro Gilberto Gomes, who discuss the discontinuation of the UNISINOS program after achieving top marks in the national assessment of the field — a goal now set for PUCRS, UFRGS, and UFSM.

Keywords: Master's and doctoral programs; Communication field; History of graduate studies; Southern Region.

Resumen: A principios de la década del 2000, Rio Grande do Sul pasó de ser un centro secundario a un lugar destacado a nivel nacional como centro de formación de recursos humanos y generación de conocimiento en el campo de la Comunicación. Para abordar esta expansión, derivada de la introducción de los programas de doctorado, esta publicación reúne los testimonios de Juremir Machado da Silva, Christa Berger, Maria Helena Weber y Veneza Ronsini. También incluye a Antonio Fausto Neto y Pedro Gilberto Gomes, quienes analizan la discontinuación del programa UNISINOS tras alcanzar la máxima puntuación en la evaluación nacional del área — un objetivo que se vislumbra en el horizonte para la PUCRS, la UFRGS y la UFSM.

Palabras clave: Maestría y doctorado; Campo académico de la Comunicación; Historia de los estudios de posgrado; Región Sur.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS, Brasil.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

⁴ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

⁵ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. [Entrevistador e organizador].

Uma vez implantados os cursos de mestrado pelos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, o desafio passou a ser a formação em nível doutoral, o que levou, pelo menos nas instituições sediadas no Rio Grande do Sul, entre 4 e 6 anos em relação ao primeiro feito. PUCRS e UNISINOS iniciaram seus cursos de doutorado em 1999. A UFRGS em 2001. E a UFSM em 2012. Então coordenadores, Antonio Hohlfeldt, Ione Bentz, Maria Helena Weber e Eugenia Barichello conduziram os processos nas respectivas universidades.

As estratégias de desenvolvimento dos estabelecimentos variaram. A UNISINOS apostou na atração de professores seniores de instituições federais, caso ilustrado pelas contratações de Antonio Fausto Neto e José Luiz Braga, vindos respectivamente da UFRJ e da UnB — dois dos programas mais antigos da área no país. Ou da própria UFRGS, a exemplo de Christa Berger — que, antes da década de 1990, integrou o quadro da PUCRS, inclusive da pós-graduação *lato sensu* já existente ali.

Na UNISINOS, a gestão de Ione Bentz foi sucedida pela de José Luiz Braga, que reafirmou a mudança da área de concentração de Semiótica para Processos Midiáticos. A partir de então, o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação assim se consolidou. O processo foi tanto de renovação quanto de expansão, e não pode ser desvinculado da atuação de Pedro Gilberto Gomes, docente mais antigo e entusiasta do projeto, que na ocasião exercia o cargo de vice-reitor da universidade.

A substituição da área de concentração levou a uma gradual atualização do corpo docente do programa. Os professores ingressantes deixaram de ser oriundos da área de Letras e passaram a ser identificados cada vez mais com o campo acadêmico da Comunicação, mesmo que não formados integralmente neste segundo: Suely Frago, Alberto Efendy Maldonado, Denise Cogo, Ronaldo Henn, Jiani Adriana Bonin, Suzana Kilpp, Miriam Rossini, Jairo Ferreira, Beatriz Marocco, Nisia Martins do Rosário, e assim por diante.

Na PUCRS, por sua vez, a política instituciona-

lizada foi a de qualificação do pessoal docente já contratado, o que se deu por meio do projeto Mil Mestres e Doutores para o Ano 2000. Não por acaso a maioria dos professores pertencentes ao quadro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social doutorou-se entre 1995 e 2000, via de regra na USP: Eliana Pibernat Antonini, Franciso Rüdiger, Jacques Wainberg, Beatriz Dornelles, Claudia Peixoto de Moura, Cleusa Scroferneker e Ana Carolina Escosteguy.

Outra parte doutorou-se na própria PUCRS, em áreas com programas tradicionais: Roberto Porto Simões, Roberto José Ramos e Maria Beatriz Rahde na Educação, enquanto Antonio Hohlfeldt e Mágda Cunha em Letras. Entre as exceções, pois doutorados no exterior, Espanha e França respectivamente, estavam Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva, coordenador do PPGCOM por 13 anos. Da geração subsequente, a exceção veio a ser Cristiane Freitas Gutfreind, ingressada na FAMECOS como pesquisadora de pós-doutorado.

Diferente da PUCRS, na UFRGS o acesso ao quadro docente restringiu-se, desde o início, a quem tivesse doutorado. A solução foi firmar uma parceria com o departamento de Ciências da Informação, construindo-se como um Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Entre uma década e outra, Ida Regina Stumpf, Marília Levacov, Sonia Elisa Caregnato e Valdir José Morigi juntaram-se a Sérgio Capparelli, Nilda Jacks, Christa Berger, Maria Helena Weber, Ilza Girardi, Marcia Benetti, Karla Muller e Alê Teixeira Primo. Sem esquecer de Luis Milman, editor do número de estreia da *Intexto* em 1997.

Até a formação de quórum suficiente, uma alternativa encontrada foi o compartilhamento de pessoal com a PUCRS, visto que Doris Haussen e Francisco Rüdiger eram concursados em regime de tempo parcial na federal, embora tenham priorizado em nível de pós-graduação a carreira na católica. Aposentados daquela, Flávio Vinicius Cauduro e Neusa Demartini Gomes fariam caminho inverso, reforçando o quadro desta última.

Um movimento de certa forma semelhante foi acompanhado na UFSM. Depois de terem se

transferido da UFRGS para a UNISINOS, Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lilia Dias de Castro migraram para a instituição de Santa Maria. Ali agregaram o quadro da casa, que já contava com professores como: Ada Cristina Silveira, Adair Peruzzolo, Eugenia Barichello, Luciana Mielniczuk, Márcia Franz Amaral, Maria Ivete Fossá e Veneza Ronsini. Juntos, viabilizaram um dos primeiros cursos de doutorado em Comunicação no interior do país.

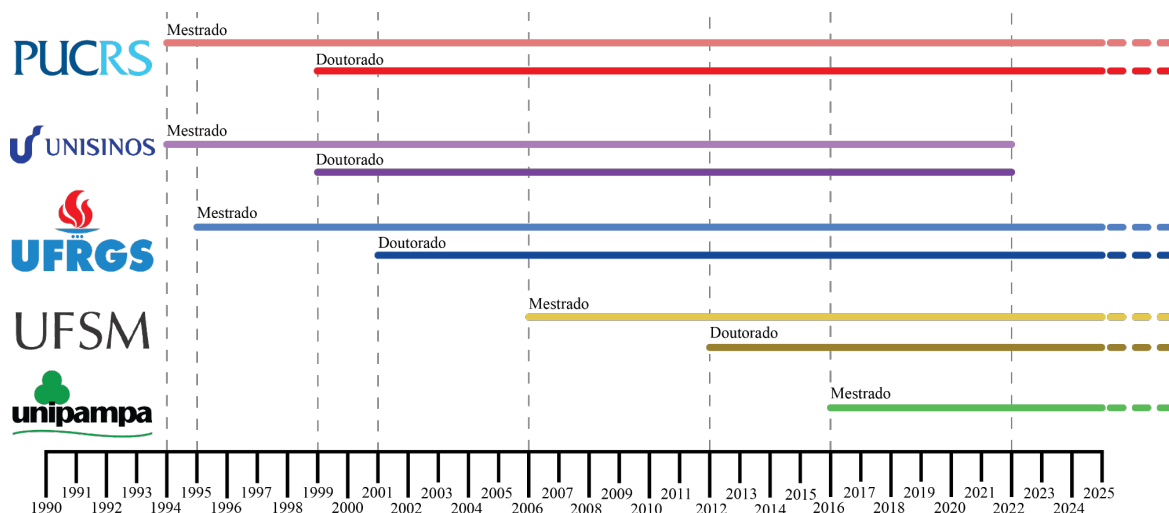
Portanto, o Rio Grande do Sul chegou a comportar o funcionamento simultâneo de quatro programas acadêmicos de mestrado e doutorado na área. Isso até 2022, quando a UNISINOS anunciou a descontinuidade do seu, paradoxalmente após a obtenção do conceito sete, nota máxima atribuída pela avaliação quadrienal da CAPES. Tal decisão representou o encerramento de um ciclo de expansão geral da pós-graduação

em Comunicação no estado, pelo menos como conhecíamos.

No transcurso dessa experiência, as instituições gaúchas passaram, coletivamente falando, de uma posição de coadjuvante para se tornaram peças-chave da produção de conhecimento e formação de recursos humanos da área⁶. Haja vista os inúmeros editais com que foram contempladas pelo grau de excelência apresentado, a exemplo do Dinter da CAPES, que financiou o doutoramento de servidores da UFPI na UNISINOS, da UFMA na PUCRS, e da UFAM na UFRGS, entre outros tantos projetos, inclusive internacionais.

Colocamos em diálogo, nesta segunda publicação, atores de destaque do duplo processo de institucionalização e desenvolvimento da pós-graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul, sem ignorar as adversidades e reveses.

Figura 1 – Linha do tempo dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborada pelo entrevistador.

Pode-se falar em um campo de pesquisa em Comunicação no Rio Grande do Sul antes do estabelecimento dos cursos de mestrado e doutorado?

Christa Berger: A pesquisa se restringia a

iniciativas pessoais dos docentes. A pesquisa acadêmica está associada a um projeto, a financiamento, a apresentação de resultados. Tal tipo de pesquisa se faz em grupo e está diretamente relacionada à pós-graduação.

O espírito do tempo age sobre as instituições

⁶ Acerca da primeira fase, a de criação da Pós-Graduação em Comunicação no estado, conferir a primeira publicação desta série com relatos de Haussen et al. (2025).

e os sujeitos. Nos anos 90, UFRGS, PUCRS e UNISINOS perceberam que era hora de descentralizar a pós-graduação, que até então estava concentrada no eixo Rio-São Paulo. O movimento político contra hegemônico e a demanda de docentes para ingressar em um curso de mestrado impulsionaram proposições.

Antes disso, a FAMECOS deu um primeiro passo e, por iniciativa do então diretor Antoninho Gonzales, criou uma especialização em Jornalismo. Ele estava atento às conjunturas e avaliou que oferecer um curso para dar sequência à graduação poderia ser bom. De fato, foi. A especialização em Jornalismo visava trazer questões conceituais, conhecer autores clássicos do jornalismo que pudessem auxiliar no exercício crítico da profissão.

Foi uma experiência muito importante. Teve uma grande procura de alunos e um corpo docente bem afinado em perspectiva interdisciplinar. Gostei de dar aula e coordenar essa especialização. E ali percebi a importância de trabalhar o Jornalismo como objeto de estudo, que muito depois desenvolvi como projeto para ingressar no doutorado, desenvolvi como tema para projetos de pesquisa como bolsista CNPq e, mais tarde, participei da criação de uma linha de pesquisa em Jornalismo no programa de PPG da UNISINOS.

Maria Helena Weber: Iniciei minha trajetória docente na UNISINOS, mas não recordo de curso *lato sensu*. Posso dizer o mesmo da UFRGS, embora ouvíamos falar em cursos de "aperfeiçoamento". O que não significa dizer que inexistia pesquisa na Comunicação, a qual era desenvolvida no âmbito dos cursos de graduação, e a produção teórica era bastante vinculada à atividade profissional.

Havia debates, congressos e publicações, mas vigiados neste que foi o período mais pesado da ditadura militar, a década de 70. O retorno à democracia trouxe o investimento na área das Ciências Humanas e Sociais e, também, os novos temas e a possibilidade de pesquisar. Para circulação dos trabalhos, foi lançada pela FABI-CO, por exemplo, a *Revista de Biblioteconomia e*

Comunicação, editada com interrupções entre 1986 e 2000.

Pedro Gilberto Gomes: Antes da UNISINOS criar o PPG em Ciências da Comunicação, havia sim pesquisa dos professores. A universidade dava horas de comissionamento. Os professores apresentavam projetos e pediam hora. Isso não só no Centro de Ciências da Comunicação, mas em todos os sete centros que havia na instituição. Quando ingressei, o Centro de Ciências da Comunicação já existia. Isso foi em 1989. Ele surgiu na mudança da estrutura da UNISINOS, que criou sete centros de acordo com a área de conhecimento.

No Centro de Ciências da Comunicação, havia um diretor, coordenadores de curso e chefes de departamento. Essa estrutura foi ligeiramente modificada, quanto junto ao diretor, foram nomeados um pró-diretor acadêmico e um administrativo. No centro que deu lugar aos departamentos extintos, havia duas áreas fundamentais: Letras e Comunicação. Neste último, os cursos eram: Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. A primeira área começou seu PPG em 1994 com o mestrado e, em 1999, foi acrescentado o doutorado.

Veneza Ronsini: Na UFSM, tivemos uma experiência com a criação de um curso de especialização nos anos 90, antes do planejamento do mestrado. Os colegas foram se doutorando e a paixão pela continuidade da carreira de pesquisador, bem como a necessidade de produção do conhecimento para amparar a graduação foi tomando forma. A exigência de produção de um trabalho de final de curso na graduação foi também motivadora para dar sequência à ampliação de uma cultura científica própria de centros universitários.

A compreensão da realidade para além de preocupações pragmáticas dos analistas do mercado de mídia era uma necessidade para aqueles que acreditavam, por um lado, na necessidade de ultrapassar o senso comum sobre os fenômenos culturais e comunicacionais, por

outro, na simbiose entre uma boa formação de profissionais da área e a pesquisa. Acredito que para a maioria dos pesquisadores, a pesquisa tem o propósito de contribuir com a compreensão dos mecanismos de reprodução da desigualdade e,

assim, também fazer parte de todas as práticas de emancipação sem esquecer do dever de ampliar os horizontes de conhecimento e reforçar, como disse Bourdieu a crítica científica.

Quadro 1 – Professores credenciados como orientadores nos Programa de Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul em 1999

PUCRS	UFRGS	UNISINOS
Antonio Hohlfeldt	Christa Berger	Adayr Tesche
Doris Fagundes Haussen	Doris Fagundes Haussen	Alberto Efendy Maldonado
Eliana Pibernat Antonini	Francisco Rüdiger	Antonio Fausto Neto
Flávio Vinicius Cauduro	Ida Regina Chitto Stumpf	Dinorá Fraga da Silva
Francisco Menezes Martins	Lilia Maria Vargas	Elizabeth Bastos Duarte
Francisco Rüdiger	Luis Milman	Ione Bentz
Jacques Alkalai Wainberg	Maria Helena Weber	José Luiz Braga
Juremir Machado da Silva	Marília Levacov	Lêda Terezinha Martins
Maria Beatriz Rahde	Nilda Jacks	Marcelo Fernandes de Aquino
Neusa Demartini Gomes	Sergio Capparelli	Maria Lilia Dias de Castro
Roberto José Ramos		Pedro Gilberto Gomes
Roberto Porto Simões		Suely Fragoso

Fonte: Adaptado de Vanz (2004).

Que programa vocês encontraram quando se tornaram professores de pós-graduação?

Juremir Machado da Silva: Quando cheguei ao PPGCOM da PUCRS, em 1995, tudo estava começando. O mestrado havia sido inaugurado em 1994. O grupo inicial tinha Doris Haussen, Roberto Porto Simões, Eliana Antonini; em seguida, Francisco Menezes, Roberto Ramos, Francisco Rüdiger. Ainda estavam no doutorado colegas que contariam muito no programa como Claudia Moura, Cleusa Scroferneker, Ana Carolina Escosteguy, Antonio Hohlfeldt, Maria Beatriz Rahde. Depois chegariam outros que estão até hoje conosco, como Cristiane Finger, Eduardo Pellanda, André Pase, Cristiane Freitas, Cristiane Mafacioli, e alguns que já não estão mais como Flavio Cauduro e Neusa Gomes, e da sequência, como Máгда Cunha, João Guilherme Barone, Juliana Tonin, Carlos Gerbase.

Havia um clima de entusiasmo. Muito interesse por pesquisas em Cultura, Televisão, Jornalismo, Relações Públicas, Rádio, Teorias da Comunicação. Tendências metodológicas variadas, horizontes epistemológicos diversos. Ia-se da Semiótica às Análises de Conteúdo e de Discurso. Entrei para trabalhar com Sociologia do Imaginário. Era um campo livre, amplo, que se colocava fora das disputas tradicionais da comunicação e encontrava acolhida. O interessante era justamente essa imensa liberdade, essa possibilidade de tudo construir. A minha questão de pesquisa era como a comunicação pode produzir laço social e convivência.

Pedro Gilberto Gomes: Ingressei em 1994 no mestrado da UNISINOS, então coordenado por Dino del Pino. Marli Merker Moreira e a Juracy Saraiva completavam a comissão. Isso depois de eu voltar do doutorado na USP, em 1992. Seis

anos mais tarde, a UNISINOS iniciou o processo de implantação do seu próprio doutorado, em 1998, num trabalho coordenado pela Ione Bentz, com a colaboração de Antonio Fausto Neto e José Luiz Braga. Houve uma mudança fundamental. O nome passou a ser Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, com a área de concentração em Processos Midiáticos, com duas linhas de pesquisa: Mídia e Processos de Significação, e Mídia e Processos Socioculturais. A novidade foi o processo pedagógico. Cada linha tinha suas disciplinas, mas havia uma linha comum. As aulas eram dadas por todos os professores e alunos.

Antonio Fausto Neto: Quando ainda se discutia a criação de ambos os programas, o da UNISINOS e o da PUCRS, eu era vice-presidente da COMPÓS, ainda na posição de professor da Escola de Comunicação da UFRJ, transferido da UFPB. Eu também estava na representação de área no CNPq, mesma função exercida na CAPES, pelo colega Marcius Freire, da Unicamp. Nacionalmente falando, foi um momento de avanços na política de pós-graduação no país e a Comunicação foi uma das áreas mais estimuladas, visando apoiar a abertura de novos programas em universidades que já apresentavam pré-condições. As três instituições gaúchas, colocando a UFRGS na conta, a despeito de suas diferenças, mostraram-se sintonizadas com a singularidade — e desafios — desse novo cenário, algo que vinha sendo dinamizado com projetos de formação de professores e pesquisadores dos seus respectivos quadros.

Maria Helena Weber: Meu doutoramento foi com o Fausto Neto na UFRJ. Concluído, voltei à UFRGS e ingressei então em 1999 no PPG-COM, que havia sido fundado quatro anos antes. Naquele primeiro momento, como Programa de Pós-Graduação em Comunicação oferecia mestrado na área de concentração em Comunicação e Indústrias Culturais no Cone Sul, sendo integrado por professores doutores com atuação na graduação.

A avaliação desfavorável sobre a especificidade temática logo exigiu a ampliação do quadro docente e a qualificação da área de concentração. Esse foi o momento histórico que integrou ao grupo existente, os docentes doutores da área da Ciência da Informação com atuação no curso de Biblioteconomia, o qual junto às habilitações da graduação em Comunicação Social formavam a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Assim, o PPGCOM da FABICO foi reestruturado com o desafio de integrar pesquisadores e interesses científicos de duas áreas de conhecimento, desenvolver pesquisas e produzir teses e dissertações, até 2018, quando houve a separação das áreas.

E eu coordenei a implantação do curso de doutorado nos anos 2000. O primeiro desafio estava na definição sobre a manutenção, ou não, das duas áreas — Comunicação e Informação —, considerando que a cada avaliação, éramos instados a dar explicações de ordem teórica e institucional para atender aos parâmetros da CAPES. A comunidade deliberou pela manutenção. A partir daí ingressamos no segundo desafio que era apresentar um projeto curricular e argumentar sobre a sua qualidade tanto para o campo da Comunicação quanto para a Ciência da Informação. Tínhamos o receio de não sermos aprovados, mas decidimos investir na argumentação epistêmica, na importância institucional para o estado e nas conquistas do programa devido, exatamente, a essa junção. E fomos bem avaliados.

Atualmente, temos na FABICO cinco cursos de graduação: Arquivologia, Biblioteconomia, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, além de três cursos de pós-graduação: Comunicação, Ciência da Informação e Museologia.

Veneza Ronsini: A história do POSCOM da UFSM foi diferente, a começar pelo fato de termos submetido o projeto à CAPES por 4 vezes. Houve uma persistência muito tenaz da equipe, que era formada por apenas oito professores: Adair Peruzzolo, Ada Machado Silveira, Eugenia Barichello, Maria Trevisan Fossá, Rogério Koff e

eu. Nesse meio-tempo a colega Luciana Mielniczuk também foi credenciada. A estratégia era continuar trabalhando na proposta, redefinindo as linhas, incentivando a qualificação do corpo docente. Era carregar o piano e ao mesmo tempo qualificar todo mundo. Então foi uma sobrecarga gigantesca, levando em conta a carga horária

na graduação e ainda se manter produtivo na pesquisa.

As tendências de pesquisa, no núcleo dos fundadores, oscilavam entre abordagens e perspectivas de análises da Semiótica, do Jornalismo, dos Estudos Culturais, além da Análise do Discurso e Comunicação Organizacional.

Figura 2 – Seleção de títulos da Coleção Comunicação da Editora da PUCRS



Fonte: Acervo digital da Editora da PUCRS.

A expansão dos programas se deu mediante diferentes estratégias. Enquanto na PUCRS houve o projeto Mil Mestres e Doutores para o Ano 2000 e na UFRGS a união dos departamentos de Comunicação e Informação relatada acima, na UNISINOS chama a atenção a atração de professores seniores externos.

Pedro Gilberto Gomes: Fazendo a análise do programa e do quadro docente, vimos que necessitávamos de professores seniores para compor o programa. Pelo conhecimento da COMPÓS, avaliamos que dois professores se enquadravam no projeto que tínhamos. Convidamos os professores Antonio Fausto Neto e José Luiz Braga. Eles aceitaram. Foram contratados em 1998, e receberam como missão elaborar o projeto de doutorado. Foram bem-sucedidos. Em março de 1999 o doutorado teve início com seis bolsas da CAPES.

Antonio Fausto Neto: Sempre tive uma boa relação acadêmica com a UNISINOS por causa dos vínculos de amizade e de interação institucional, ainda no contexto do Mestrado em Semiótica,

quando eu era membro do comitê assessor do CNPq pela área de Comunicação, e integrante do corpo docente do PPG da UFRJ. Já neste contexto trocávamos ideias sobre a viabilidade de criação do doutorado na UNISINOS, circunstância na qual a Semiótica se incorporava ao doutorado em Comunicação, desta feita em torno de três linhas de pesquisa subordinada à área de concentração Processos Midiáticos. Me aposentei então da UFRJ, ingressando na UNISINOS onde permaneci como titular até 2023.

Christa Berger: Aposentando-me da UFRGS, vi meu ingresso e a implantação do doutorado na UNISINOS como uma sequência natural. A coerência entre a nova área de concentração e as linhas de pesquisa vinha sendo avaliada pela CAPES positivamente. O projeto pedagógico do PPG previa disciplinas obrigatórias com a participação de todos os professores orientadores propiciando o compartilhamento de autores, conceitos, objetos de estudo e o amadurecimento de uma identidade coletiva.

Além da participação de professores em projetos de pesquisa nacionais e internacionais,

aprovação de professores para realização de pós-doutorados, o programa passou a oferecer um doutorado interinstitucional com a Universidade Federal do Piauí. Coordenei esse Dinter, e foi uma experiência muito rica. Propor um doutorado que contemplasse interesses de pesquisa de docentes de lá que pudessem dialogar com

os projetos dos docentes da UNISINOS exigiu trabalho de fina sintonia. Também a vinda dos alunos de lá pra cá e a ida de docentes daqui pra lá ampliou os objetos de estudo e horizontes de interesse. Tivemos uma avaliação muito positiva dessa experiência, que refletiu na elevação do conceito atribuído pela CAPES ao programa.

Quadro 2 – Área de concentração, linhas de pesquisa e quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS em 2004

COMUNICAÇÃO, CULTURA E TECNOLOGIA	
Práticas Sociopolíticas nas Mídias e Comunicação nas Organizações	Cultura Midiática e Tecnologias do Imaginário
Antonio Hohlfeldt	Ana Carolina Damboriarena Escosteguy
Beatriz Corrêa Pires Dornelles	Carlos Gerbase
Claudia Peixoto de Moura	Cristiane Freitas Gutfreind
Cleusa Maria Andrade Scroferneker	Eliana Pibernat Antonini
Cristiane Finger Costa (colab.)	Flávio Vinicius Cauduro
Doris Fagundes Haussen	Francisco Menezes Martins
Jacques Alkalai Wainberg	Francisco Rüdiger
Maria Helena Steffens de Castro	Magda Rodrigues da Cunha
Neusa Demartini Gomes	Juremir Machado da Silva
Roberto José Ramos	Maria Beatriz Rahde
Roberto Porto Simões	
Neusa Demartini Gomes	
Roberto José Ramos	
Roberto Porto Simões	

Fonte: Adaptado de Romancini (2006).

Parte de vocês cursou pós-graduação fora do Brasil, o que decerto beneficiou os respectivos PPGs em sua internacionalização, até hoje orientada em larga medida para a Europa. De outro lado, deparamo-nos cada vez mais com reivindicações de descolonização intelectual, crítica que muitas vezes é potente reflexivamente, noutras meramente demagógica. Como conciliar o que há de relevante em ambas as demandas?

Juremir Machado da Silva: O Brasil apostou em formação da massa crítica para a pós-gra-

duação na Europa e nos Estados Unidos. CNPq e CAPES bancaram bolsas para muita gente com o objetivo de superar um *gap* considerável de doutores. Estudar na Europa, porém, não significava desinteresse pela América Latina ou pela África. Muitas vezes esse era o foco das pesquisas, das publicações e dos interesses teóricos. Ia-se à Europa e aos Estados Unidos em busca das universidades mais prestigiosas, dos intelectuais mais renomados, dos autores mais citados, das últimas teorias e metodologias, do conhecimento validado naqueles momentos como de ponta, como o que fazia avançar o saber

necessário para explicar ou compreender o mundo de então. Cada época tem os seus interesses, os seus pontos de destaque, os seus valores, as suas exigências intelectuais, as suas demandas. Não creio que quem se formou na Europa seja necessariamente colonizado.

De resto, as teorias decoloniais e pós-coloniais, em grande parte, surgiram nos Estados Unidos e na Europa. O local de formação importa menos do que a perspectiva estimulada nessa formação. Eu estudei num ambiente em que o mais relevante era a abertura para o outro, o pluralismo teórico, a liberdade de filiação, a independência do pesquisador, a possibilidade de ampliar horizontes. Um dos meus primeiros projetos financiados pelo CNPq era sobre "a viagem das ideias", ou como se dava a apropriação de ideias gestadas na Europa por intelectuais do que então se chamava de "terceiro mundo". A conclusão era de que havia sempre desvio, interpretação, deslocamento, "antropofagia", adaptação, distorção criativa, reinvenção, reconstrução. Não se copiava: partia-se de um ponto para chegar em outros. Segui o curso de Umberto Eco no Collège de France. Para mim, conforme ele não se cansava de ensinar, a obra é aberta em todos os níveis.

Christa Berger: Fiz o mestrado em Estudos Latino-Americanos na UNAM, no México, especialização em Planejamento em Comunicação Popular no CIESPAL, no Equador. Mais tarde, realizei sanduíche na Universidade Complutense de Madrid e pós-doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona. Foram experiências pontuais em períodos muito diferentes da minha vida acadêmica. Isso para dizer que em princípio

somos tantos e são tantas as questões que devemos conhecer para dar conta do fenômeno que nos cabe estudar que toda teoria, todo autor é bem-vindo. A perspectiva crítica e a capacidade de reconhecer nossa especificidade é que deve nortear nossos estudos.

Veneza Ronsini: Acho que é muito produtivo articular autores de distintas procedências desde que tenhamos a ancoragem no contexto e nas estruturas pelas quais os fenômenos são moldados, além de adaptarmos reflexões pensadas para outros lugares. Sem dúvida que a mundialização cultural e a globalização econômica borram essas divisões, mas ainda resta um país, regiões e modos de vida que conservam certas especificidades — mesmo a produção midiática tem suas particularidades mantidas graças ao fenômeno da proximidade cultural necessária para haver interesse das audiências.

Sobre a descolonização, o livro de David Graeber e David Wengrow (2022), *O despertar de tudo*, parece ser uma das magníficas contribuições sobre a contribuição dos povos indígenas ao pensamento social. E claro que temos representantes aqui, como o próprio Ailton Krenak, que tem muito a dizer de crítica às relações sociais no capitalismo mesmo que sem a pretensão científica. Resumindo, o cânone europeu ou de qualquer outro de capitalismo avançado deve ser combinado, tensionado, criticado para fazermos uma ciência onde, como disse Martín-Barbero, caiba um país. Não faz sentido ter financiamento público se não for para pensar nossas contradições, problemas, modo de vida.

Quadro 2 – Área de concentração, linhas de pesquisa e quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS em 2005

PROCESSOS MIDIÁTICOS	
Mídias e Processos de Significação	Mídias e Processos Socioculturais
Adayr Mroginski Tesche (colab.)	Alberto Efendy Maldonado
Elizabeth Bastos Duarte	Antonio Fausto Neto
Fabício Lopes da Silveira	Christa Berger
Ione Maria Ghislene Bentz	Denise Cogo

PROCESSOS MIDIÁTICOS	
Mídias e Processos de Significação	Mídias e Processos Socioculturais
Maria Lilia Dias de Castro	Jairo Getúlio Ferreira
Miriam de Souza Rossini	Jiani Adriana Bonin
Ronaldo Cesar Henn	José Luiz Braga
Suzana Kilpp	Pedro Gilberto Gomes
	Suely Dadalti Fragoso
	Valério Cruz Brittos

Fonte: Adaptado de Fragoso (2005), com revisão da autora.

Quanto à internacionalização, quais são as conquistas, mas também os desafios específicos e gerais compartilhados pelas diferentes universidades, do interior à capital?

Veneza Ronsini: Essa exigência da internacionalização é no mínimo complicada como critério, permita-me uma digressão, pois os recursos são escassos, por outro, acabamos por privilegiar uma mentalidade colonialista. A ciência produzida deveria estar comprometida com o desenvolvimento interno do país como prioridade e não com a competição com o que se faz internacionalmente. Na prática o que se produz nos Estados Unidos e Europa, talvez Canadá. Isso para dizer que a singularidade se perdeu bastante pela padronização e esse olhar colonial que olha pouco para o contexto nacional e regional. Claro que persistem temas que relacionam a mídia e as práticas culturais mais locais, a questão das fronteiras geográficas e simbólicas entre as culturas. Mas isso não é suficiente para a singularidade porque depende do modo como os objetos são construídos e as teorias aplicadas.

O intercâmbio sempre expande nosso ponto de vista ao nos confrontarmos com outra realidade e autores. Podemos de fato ficarmos isolados sem essa circulação geográfica, pois tem coisas que só podemos aprender com a presença física. Graças ao CAPES-PrInt, por exemplo, eu

consegui ficar sete meses e depois três meses na Inglaterra, pesquisando e lendo autores que me interessavam, sobretudo os que abordam o conceito de classe social. Trabalhei na UFSM por 38 anos, onde também coordenei um acordo de cooperação com a Universidade de Karlstad, na Suécia, de 2013 a 2017. No programa da UFRGS entrei em 2024. Nunca tive um sabático e minha produção sempre foi feita no meio de muitas tarefas, aulas e orientações. Isso com o peso da distância do interior, porque realmente os deslocamentos são muito árduos. Até para ir a congressos nacionais exigiu muita disposição física. Felizmente eu consegui conciliar tudo isso com a alegria de ter dois filhos.

Juremir Machado da Silva: Mais do que intercambistas, somos realizadores de eventos em nossas universidades. Na PUCRS, cabe menção ao Seminário Internacional da Comunicação surgido da vontade de se ter algo que marcasse a vocação "internacionalizadora" do PPGCOM. De 1997 a 2024 o SEICOM, inicialmente chamado de SIC, trouxe mais de cem convidados internacionais, contando-se o fato de que alguns vieram várias vezes. Trata-se de um verdadeiro evento internacional, com 17 edições. No começo, era anual. Depois, passou a ser de dois em dois anos. Hoje, é um evento altamente consolidado.

Fotografia 1 – Michel Maffesoli, Muniz Sodré e Juremir Machado da Silva no X Seminário Internacional de Comunicação na PUCRS, em 2009



Fonte: Maria Helena Sponchiado/Arquivo da FAMECOS.

Nesses 30 anos de pós-graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul, vocês observam a projeção de alguma identidade que podemos chamar de coletiva? De qualquer modo, como definiram individualmente a identidade dos respectivos PPGs?

Juremir Machado da Silva: O PPGCOM da PUCRS fixou-se em algumas vertentes: estudos de imaginário, cibercultura, comunicação nas organizações e práticas profissionais na comunicação. Ao longo do tempo, soube adaptar-se para estar sempre sintonizado com o “ar do tempo” e com as demandas da sociedade. Hoje, tem linhas de pesquisa que contemplam indústria criativa, diversidade e interseccionalidade, poder e organizações. O PPGCOM manteve-se flexível, pluralista, polissêmico, diverso, numa convivência fraterna entre pesquisadores com perspectivas diferentes, referenciais teóricos próprios e propostas singulares. Foi dessa diversidade que se fez o êxito do programa em 30 anos.

Maria Helena Weber: O campo da Comunicação é tão diverso, complexo — e por isso importante — que não permite delimitarmos a identidade institucional real, por exemplo, num programa de pós-graduação. No entanto, há linhas de pesquisa e área de concentração definidas que indicam partes dessa identidade. No PPGCOM da UFRGS talvez seja possível dizer que sua identidade e seu reconhecimento ocorrem pela produção interdisciplinar que privilegia temas sobre o poder, cultura, comportamento e aspectos da teoria da comunicação e do mundo digital.

Christa Berger: Ao invés de identidade prefiro a pluralidade, a convergência das diferenças. E acho que seria pretensioso, por exemplo, tomar a ideia de uma escola latino-americana de Comunicação para constituir uma escola gaúcha. Os estudos da área na América Latina se voltaram a especificidades da região para dialogar com o que sabíamos sobre a comunicação de massa, a indústria cultural, a comunicação hegemônica.

Acrescentamos a esse saber, o olhar da subalternidade, da cultura popular, das mediações. E essa perspectiva fez escola, deu suporte e rumo epistemológico, teórico, metodológico. No Rio Grande do Sul fazemos boa pesquisa, mas longe de ter criado uma perspectiva que nos diferencie dos estudos de outras regiões. E não produzimos pesquisa conjunta para chegar a um saber coletivo e original.

Antonio Fausto Neto: Sem dúvida, os programas se deparam com desafios para avançar projetos de investigação que poderiam incrementar iniciativas, que repercutissem de modo mais cooperativo. Algo poderia ser pensado como iniciativas em comum, sem prejuízo das especificidades identitárias de cada programa. Muitas ações poderiam possibilitar o diálogo interprogramas, através de ações cooperativas, de tal modo que os PPGs incrementassem cenários de intercâmbio de ações científicas. Nessas

condições, essas práticas poderiam ser ativadas pelos próprios — via suas linhas de pesquisas — juntamente a entidades científicas da área (INTERCOM, COMPÓS, CISECO) ou, mesmo, com outras áreas convergentes.

A partir de um balanço próprio, os PPGs deveriam avaliar suas potencialidades para oferta conjunta de programas de formação, voltados para universos profissionais, alocados em uma determinada região, ou, mesmos entre países. Talvez, essa modalidade de abordagem poderia suscitar debates bem como interrogações sobre temas emergentes, examinando-se as relações entre a universidade e a problemática da decolonização. A eleição de questões, dessa complexidade, pode suscitar caminhos para formas de debates e de estudos, segundo metodologias e ações reflexivas. Talvez, venham a ser iniciativas que potencializariam a missão dos programas considerando sua realidade geo-acadêmica.

Fotografia 2 – Palestra com Ione Bentz, Antonio Fausto Neto, Pedro Gilberto Gomes e Suzana Kilpp sobre os 20 anos do PPGCC na UNISINOS, em 2014



Fonte: Rafael Casagrande/Arquivo da UNISINOS.

O PPG em Ciências da Comunicação da UNISINOS conseguiu a proeza de alcançar o conceito máximo na avaliação da CAPES, isso estando situado em uma instituição privada na região

metropolitana de Porto Alegre, o que, todavia, não foi suficiente para garantir sua continuidade. Nenhuma alternativa se mostrou viável?

Pedro Gilberto Gomes: Ironicamente, no ano em que alcançou a nota máxima, sendo um dos três melhores do país, o programa foi fechado por uma decisão administrativa da UNISINOS, dentro de uma reorganização econômica e financeira da instituição. Minha experiência me faz acreditar que é especialmente desafiador manter a pós-graduação nas universidades comunitárias. Sabemos que a pós-graduação não se sustenta sozinha. Ela qualifica a universidade, mas necessita de uma graduação forte. Diria que é mais uma decisão político-administrativa que uma opção acadêmica. Antes do fechamento de 12 programas, a antiga reitoria estava desenvolvendo um projeto de sustentabilidade para a pós-graduação. Esse projeto foi interrompido, com as consequências conhecidas.

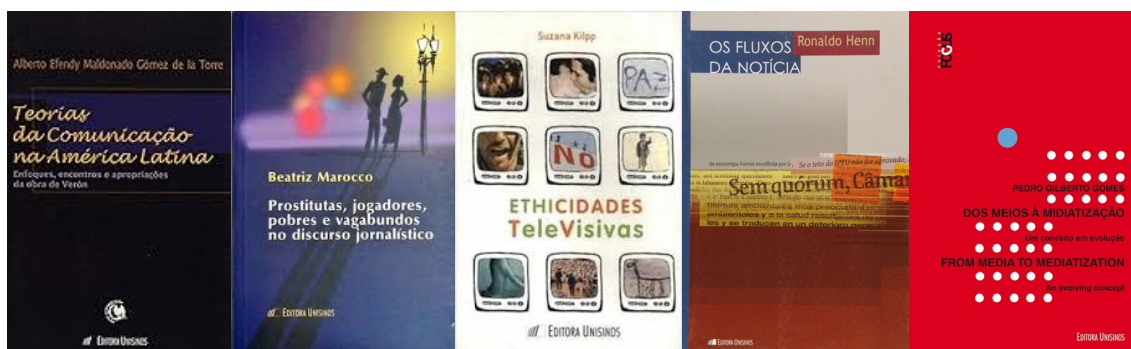
Fica o legado do nosso Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Redigo aqui as palavras que escrevi no meu último livro, *Em busca de um paradigma para a midiaticização*: a herança do PPGCC, que no trabalho diuturno de seus agentes foi sendo organizada, transcende a sua existência material e avança, na sua provisoriamente, materializando-se numa Escola UNISINOS de Comunicação e Midiaticização. Esse é o legado para a pesquisa brasileira sobre

Comunicação. O programa morre, mas ressuscita na prática e na reflexão de seus inúmeros alunos espalhados pelo Brasil e mundo afora.

Como fui Vice-Reitor e Pró-Reitor Acadêmico e estive 23 anos na administração da UNISINOS, tive ação direta no desenvolvimento da pós-graduação na universidade. Quando comecei, tínhamos quatro mestrados. Quando saí, havia seis mestrados profissionais, um doutorado profissional e 18 mestrados e doutorados acadêmicos. Esse, considero, é o meu legado de trabalho à pós-graduação no país.

Antonio Fausto Neto: Me aposentei da UFRJ para chegar, em 1998, à UNISINOS, duas instituições, que apesar de seus contrastes, formaram coletivos responsáveis por desenvolver programas de excelência nacional e internacional na área de Comunicação. Ideias, trabalhos e arquivos dos que fizeram aquele PPG, que gozava de reputação invejável nos contextos institucionais e acadêmicos, são marcas — e produtos — do que resta. Marcas de uma atividade brasileira e ao mesmo tempo gaúcha que internacionalizou a performance dos estudos acadêmicos de Comunicação, as quais permanecerão de conhecimento público.

Figura 3 – Seleção de títulos especializados do catálogo da Editora da UNISINOS



Fonte: Acervo digital da Editora da UNISINOS.

Embora os setores privado e público lidem com desafios que não são os mesmos, verifica-se que, após um importante processo de democratização do ensino superior nacional, a realidade é por outras circunstâncias de des

valorização da universidade como instituição. Quais mudanças julgam necessárias para reverter essa situação, inclusive para aumentar a relevância acadêmica e social da pós-graduação da nossa área?

Juremir Machado da Silva: A universidade no Brasil sempre foi valorizada por uma parte da sociedade. Para outro, era algo inalcançável, embora desejável. Para outra ainda era um lugar dissociado da realidade. Há quem continue esperando que a universidade seja apenas formada de mão de obra técnica para o mercado, o que também é importante. Mas a universidade é mais do que isso, espaço de pesquisa fundamental, sem uso imediato, de erudição, de acolhida do belo, do sublime, da arte, da poesia, de que tudo aquilo que conta para a formação de seres humanos abertos ao sensível e não somente de peças de reposição para o trabalho. Contudo, opor mundo do trabalho a um outro mundo mais qualificado da cultura não serve para grande coisa. A universidade precisa encontrar o equilíbrio entre as tantas possibilidades existentes, especialmente entre o que se espera dela e o que ela pode fazer para além da demanda, como uma lógica disruptiva de oferta. A universidade tem uma tarefa complexa e paradoxal: atender as demandas da sociedade e ir além delas; satisfazer a sociedade e provocá-la, incitá-la a ir além, oferecer-lhe o que não pediu, nem podia pedir por não estar a par do que o conhecimento está produzindo como absolutamente novo num determinado momento. É como a arte que não pode se contentar em dar ao fruidor só o que ele já conhece, mas também e fundamentalmente o que desconhece.

Christa Berger: Estamos passando por um período de profundas transformações no mundo do trabalho, no que a sociedade valoriza como saber e conhecimento. No Brasil estamos saindo de duas gestões políticas — governos Temer e Bolsonaro — avessas à universidade e ao conhecimento que ali se produz. O desmerecimento e a negação da ciência junto com a perda de recursos econômicos das famílias, é responsável pela redução da procura de jovens para cursar uma universidade. O que se estende também à pós-graduação que vive uma certa redução na procura. Considero o quadro passageiro. O momento histórico que vivemos tem potencialidade

para reverter o triste cenário que levou a essa situação. As universidades privadas, talvez, tenham que rever suas prioridades de investimento para garantir o ingresso e frequência de mais alunos para povoar seus campus e salas de aula. E convencer a sociedade que a cultura cura a alma, a ciência cura o corpo e juntas salvam vidas.

Maria Helena Weber: Acho que são duas questões diferentes aqui colocadas, e devemos tomar o cuidado de não contrapor a democratização do ensino superior à desvalorização da universidade como instituição. A universidade já atravessou séculos, guerras e se manteve porque é o lugar onde se produz conhecimento imprescindível à humanidade onde preservamos o pensamento dessa mesma humanidade.

O que enfrentamos atualmente é uma crise político-ideológica que afeta a sociedade, governos e instituições em muitos países, e o Brasil não ficou fora. Essa crise obedece a princípios que negam a ciência, a educação e privilegiam o poder personalizado e não democrático. Vivenciamos isso durante a pandemia e recentemente tivemos Harvard constituída como instituição inimiga pelo governo norte-americano. Nunca imaginávamos algo assim, mas é a nossa crise.

Cabe ressaltar, ainda, que há uma crise informacional digital que afeta o comportamento e, especialmente, as novas gerações, na medida que as mídias sociais conferem uma espécie de empoderamento pessoal sobre tudo: pessoas, conceitos etc. O valor reside na aparência e o saber reside no saber falar. Para isso, não é preciso estudar. Vivemos um paradoxo em relação aos outros: enquanto retoma-se a discussão identitária fortemente, a identidade dos outros parece não interessar, mas sim e apenas o espelho — via redes sociais.

Penso que a mudança dessas situações depende da educação e o governo, e as universidades precisam, cada vez mais, investir muito em políticas públicas e repensar novas modalidades de ensino, de pesquisa com novos conteúdos. É preciso estudar Sociologia, Ciência Política e todas as dimensões da comunicação porque o

mundo hoje é feito de (in)comunicação e (des)informação.

Veneza Ronsini: A desvalorização da universidade é também a desvalorização do pensamento crítico em um sistema onde apenas o dinheiro importa. A mudança eu acredito que pode vir com um capitalismo social, já que outro sistema não capitalista parece improvável. Temos um sucateamento das universidades em todos os níveis, da falta de pessoal, de técnicos, de infraestrutura que impacta a vida da comunidade acadêmica. Sem falar na falta de perspectivas profissionais para os mestres e doutores que formamos. De modo que as condições sociais da produção científica estão comprometidas. Parece urgente que os programas reflitam sobre o impacto social do que produzem para além da circulação de prêmios, personalidades e eventos nas redes

sociais. Nossos instrumentos de legitimação não podem ser medidos pela circulação e likes nas redes.

Um dos desafios é promover o debate público sobre os problemas regionais ou nacionais sem que precisemos recorrer ao personalismo midiático. Pesquisadores do campo da Comunicação devem ser capazes de questionar se os mecanismos de validação do marketing institucional não estão nos empurrando para a corrida da visibilidade quando deveríamos tornar visível o pensamento crítico e dar voz a práticas, indivíduos e grupos para os quais a ciência é abstração inatingível. E não podemos esquecer que a autonomia relativa do campo científico fica comprometida quando cedemos a imposições de lógicas oriundas de outros campos. A ciência não justifica sua existência e investimento público para agradar e ganhar comentários apenas favoráveis.

Quadro 3 – Área de concentração, linhas de pesquisa e quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS em 2012

COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO			
Informação, Tecnologias e Práticas Sociais	Jornalismo e Processos Editoriais	Linguagem e Culturas da Imagem	Mediações e Representações Culturais e Políticas
Alê Teixeira Primo	Ana Cláudia Gruszynski	Alexandre Rocha da Silva	Karla Maria Müller
Ida Regina Chitto Stumpf	Cassilda Golin Costa	Ana Tais Martins (colab.)	Maria Helena Weber
Helen Frota Rozados (colab.)	Flávio Antônio Camargo Porcello	Lizete Dias de Oliveira (colab.)	Nilda Aparecida Jacks
Sônia Elisa Caregnato	Ilza Maria Tourinho Girardi (colab.)	Miriam de Souza Rossini	Rudimar Baldissera
Suely Dadalti Fragoso	Luciana Pellin Mielniczuk	Nísia Martins do Rosário	Valdir José Morigi
	Marcia Benetti Machado		
	Virginia Pradelina da Silveira Fonseca		

Fonte: Adaptado de Rossini (2014).

Em um momento em que “impacto social” e “popularização da ciência” se tornam palavras de ordem no meio acadêmico, temos entre nós alguém cujo mérito é ser um intelectual público, há décadas conciliando os ofícios de professor, jornalista, tradutor, escritor etc. Juremir, qual

é o caminho para ultrapassar os muros da universidade, sem abdicar de produzir pesquisa acadêmica no sentido mais nobre?

Juremir Machado da Silva: Para mim foi apenas um projeto de vida. Sempre quis ser jornalista,

professor e pesquisador. Fiz faculdade de Jornalismo e de História ao mesmo tempo. Quando me tornei repórter de jornal, entrei quase simultaneamente num mestrado em Antropologia. Mais tarde, seria correspondente internacional na Europa e doutorado em Sociologia na Sorbonne ao mesmo tempo. Depois, ingressei na PUCRS como professor e continuei como jornalista na *Zero Hora*. Por fim, passei 22 anos como jornalista e radialista no *Correio do Povo* e na

Rádio Guaíba. Para mim sempre foi uma escolha profissional. Acredito, porém, que é importante tentar estabelecer essa conexão com públicos não acadêmicos, mas sem aviltar a pesquisa, sem rejeitar as especificidades do discurso acadêmico, sem optar pelo superficialismo e pela facilidade redutora. Isso não quer dizer que não se possa escrever com clareza e elegância. O texto acadêmico não precisa ser hermético, mas não pode ser superficial para agradar.

Fotografia 3 – Diferentes gerações de professores da FAMECOS reunidas para homenagem a colegas aposentados, em 2009



Fonte: Daniele Frasson/Arquivo da FAMECOS.

Você também, Maria Helena, trilhou uma carreira paralela. Atuou como assessora na Prefeitura de Porto Alegre e no Ministério da Educação, ao mesmo tempo que é uma referência nacional no campo de estudos da Comunicação Pública e Política. Como separar ou articular militância política, ou ativismo social, e pesquisa acadêmica?

Maria Helena Weber: Desde a adolescência que me sinto engajada politicamente. As questões relacionadas à mudança do mundo, à

luta contra a miséria humana, política e cultural sempre me mobilizam. É um caminho repleto de desafios, mas foi ele que me levou ao mestrado em Sociologia — onde estudei a ditadura que marcou minha formação — e ao doutorado — onde ingressei nos temas do poder institucional e da espetacularidade do campo político. Assim, minha experiência na Prefeitura de Porto Alegre deu origem à minha primeira bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq e minha experiência no MEC determinou meu investimento no campo da comunicação pública.

Minha produção científica, disciplinas, dissertações e teses orientadas estão vinculadas ao campo da Comunicação Política. Não sou,

portanto, uma pesquisadora “neutra” e este é um desafio importante e difícil. Acredito que minha experiência em instituições políticas, eleições e organizações foram fundamentais para a qualidade de meus textos, pesquisas e aulas.

Em aulas de metodologia me refiro à decisão sobre a escolha do tema como um movimento passional que, claro, depois vai sendo desmonta-

do pelo método. Acredito, então, que a militância e o ativismo podem mobilizar alguém para um bom tema de pesquisa e isso importa porque há experiências que devem ser contadas e sofrer reflexão. No entanto, é preciso entender os limites destas vivências que deve ser dado pelo conhecimento, pela teoria capaz de quebrar o senso comum.

Figura 4 – Teses de doutorado e outros trabalhos de diferentes quadros docentes do PPGCOM, da FABICO, com edição em livro pela Editora da UFRGS



Fonte: Acervo digital da Editora da UFRGS.

Vocês participaram da formação de diferentes gerações de profissionais e acadêmicos da área de Comunicação. Como avaliam a renovação de pessoal nos campos de conhecimento que ajudaram a institucionalizar?

Maria Helena Weber: Creio que há uma renovação importante nos programas de pós-graduação, com muitas consequências para o futuro. Especialmente nas instituições privadas, temos mudanças estruturais em perfis e perspectivas acadêmicas. No Rio Grande do Sul, o maior impacto foi provocado pela UNISINOS com o fechamento do curso que obteve a nota máxima atribuída pela avaliação CAPES. Ainda incompreensível, do ponto de vista científico-acadêmico, essa decisão teve repercussão nacional. Nas instituições federais, não há mudanças estruturais, mas igualmente importantes são as mudanças que ocorrem com a renovação de docentes e que incidem em conteúdos e projetos de pesquisa.

Diria que — de modo geral — os maiores atra-

tores das novas linhas de pesquisa e produção decorrente são temas vinculados à internet, às mídias sociais, ao meio ambiente e à nova sociabilidade contemporânea com o debate sobre identidades. Acho preocupante, no entanto — minha opinião é bastante comprometida, mas a manifesto mesmo assim —, a redução de interesse sobre conteúdos e produção científica sobre temas da área Comunicação Política, inclusive na graduação. Preocupante, porque vivemos um tempo em que crescem e se solidificam as distorções comunicacionais no campo da política e, assim, afetam a humanidade e as democracias. Nunca tivemos tantas associações realizando este debate, mas a universidade parece distante.

Christa Berger: Áreas e conteúdos “clássicos” podem encontrar lugar em outros formatos ou inseridos em outros recantos da produção de conhecimento. Por exemplo, o jornalismo não deixou de ser jornalismo, apesar das profundas transformações pelas quais vem passando. A SBPJor segue ativa e altiva premiando pesquisadores e atenta ao que acontece no jornalismo

e no estudo dele. Penso mais em alargamento de saberes, em caminhos a serem buscados do que em lamentar porque já não é mais o que foi.

Por outro lado, não gosto do que vejo acontecer em outros âmbitos. Muitos cursos de Comunicação fecharam e, assim, muitos mestres e doutores que buscaram qualificação acadêmica para lecionar, foram demitidos. As universidades que permaneceram oferecendo cursos de Jornalismo não dão conta de acolher os novos doutores. Demitem e contratam docentes sem esclarecer critérios. E o mercado não valoriza título ou o conhecimento que o título traz. Assim, não deixo de ser pessimista na avaliação da renovação em curso.

Veneza Ronsini: Os alunos que oriento são meu maior orgulho, eles são a razão do meu

trabalho. Acredito que a trajetória deles como pesquisadores, comunicadores e cidadãos seja o verdadeiro legado. A solidariedade entre colegas e amigos também torna a vida acadêmica menos árida porque a burocracia é uma prisão na qual a gente precisa buscar a luz fora dela.

Eu acho que a renovação não ocorre em um cenário favorável porque mais e mais se exige quantidade de publicações, pontuação em tarefas heterogêneas – da administração à internacionalização. Não creio que todos possam fazer tudo e me dou o direito a não chegar à exaustão. Em algum momento os mais jovens deverão questionar as regras que nós mesmos criamos em função de recursos cada vez mais escassos. A saúde mental na academia é um barômetro de um ambiente hostil à criatividade e propulsor da velocidade.

Quadro 4 – Área de concentração, linhas de pesquisa e quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM em 2014

COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA	
Mídia e Estratégias Comunicacionais	Mídia e Identidades Contemporâneas
Adair Caetano Peruzzolo (colab.)	Ada Cristina Machado Silveira
Debora Cristina Lopez (colab.)	Cássio dos Santos Tomaim
Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello	Eduardo Andres Vizer (colab. ext.)
Maria Ivete Trevisan Fossá	Elizabeth Bastos Duarte
Maria Lília Dias de Castro	Liliane Dutra Brignol
Rejane de Oliveira Pozobon	Márcia Franz Amaral
Sandra Rubia da Silva	Rosane Rosa
Viviane Borelli	Veneza Veloso Mayora Ronsini

Fonte: Adaptado de Barichello e Lasta (2014).

O aniversário de 30 anos da pós-graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul foi marcado por uma tragédia climática, com perdas socioeconômicas que afetam o curso de desenvolvimento do ensino e da pesquisa. No que deveríamos investir maior esforço para reconstruir e retomar o desenvolvimento regional da área?

Juremir Machado da Silva: O universo da pesquisa está dentro das sociedades com suas crises

e conjunturas. A pesquisa no Brasil já passou pelas limitações da ditadura militar, das políticas neoliberais e das catástrofes naturais estimuladas pela ação humana. A cada vez é preciso recomençar. No caso da tragédia climática, a ciência está mostrando à sociedade onde esta tem errado, indicando-lhe a sua parte de responsabilidade em catástrofes nem tão naturais assim. O ser humano vem destruindo a sua “casa comum” e é preciso provar-lhe que tem papel destacado no

que lhe acontece. Edgar Morin, em texto sobre a "missão do intelectual" nos dias atuais, defende que o principal é combater a barbárie em todas as suas formas, entre as quais a barbárie da desinformação.

Veneza Ronsini: A tragédia climática é parte desse problema de uma apropriação indevida dos bens públicos que deveriam servir a objetivos maiores, o bem-estar de uma comunidade, das pessoas, das crianças, dos animais, dos seres vivos. A educação é um instrumento potente para a mudança, mas precisa ser politizada porque o que está acontecendo em Porto Alegre é que a maioria está perdendo a favor de uma minoria que pretende destruir todo o remanescente de pequenas áreas reflorestadas da cidade com a cumplicidade do poder público. A universidade está fazendo seu papel, produzindo relatórios científicos sobre a situação, alertando sobre a desigualdade social, clamando pela democratização cultural. Mas essa produção pouco circula nos veículos de comunicação enquanto na internet são pequenos grupos que se informam através do jornalismo que cumpre sua função de debater problemas.

Maria Helena Weber: É preciso que as instituições se engajem nas lutas contra a desinformação e abram suas portas ao debate com a sociedade, em cursos, eventos. Nossa área é cada vez mais relevante para pensar o mundo, a vida, o meio ambiente. A questão climática tem gerado centenas de debates, congressos e *papers*. Ali devemos estar, pois há uma responsabilidade muito grande das universidades em relação ao futuro. Creio que o desenvolvimento regional da área nunca ocorreu de modo sistemático, mas seria uma boa decisão reunir os PPGs e docentes e estudantes para um debate sobre compromisso com o futuro considerando o poder da comunicação e da informação.

Antonio Fausto Neto: Não podemos negar a qualidade da contribuição de políticas que visam o desenvolvimento dos estudos da área de Comunicação e afins. Mas, possivelmente, diante da reação de que algo fica por ser experimentado, seria interessante que esforços de cooperação e de intercâmbio pudessem ser desenvolvidos, de modo mais intenso, em termos de interações, a partir de programas e cursos com proximidade geográfica, como o caso dos programas situados no Rio Grande do Sul. O nível de interação entre os PPGs é muito limitado e observamos que ações científicas e pedagógicas ficam situadas às fronteiras dos seus respectivos *campi*. Ou seja, os PPGs são mais concorrentes do que cooperantes, de modo que, mesmo tentativas de experimentação mais limitadas, não são testadas, pela inexistência de ações mais horizontais entre eles.

A ausência de transversalidades criativas inibe desenvolvimento de intercambialidade nos âmbitos do ensino, pesquisa, produção editorial, práticas de extensão etc. Possivelmente, programas-piloto poderiam ser testados, pois seriam fontes de atração, de observação e de adesão de instituições locais e de outras regiões. Minha sugestão seria a organização de seminários através dos quais se possa começar a especular sobre a potencialidade dessas propostas. Às vezes podem servir para contextos mais amplos, ou específicos. Muitas configurações administrativas impedem interações pedagógicas e outras formas de parcerias. De tal modo que programas estão instalados em um mesmo contexto geográfico, não desenvolvem nenhuma atividade e/ou políticas de intercâmbio, e cujos resultados poderiam ser de grande impacto, em termos científicos e sociais. As universidades e seus programas poderiam desenvolver ações mais cooperantes. Penso que esse seria um caminho para retomar o desenvolvimento regional da nossa pós-graduação de forma sustentável.

Fotografia 3 – Evento comemorativo dos 30 anos do PPGCOM da UFRGS, realizado em 15 de agosto de 2025



Fonte: Rodrigo Fernandez/Arquivo da UFRGS.

Referências

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha; LASTA, Elisângela. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 117-129, 2014. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/196>. Acesso em: 22 set. 2025.

FRAGOSO, Suely. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, São Paulo, n. 2, p. 100-104, 2005. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/272>. Acesso em: 22 set. 2025.

GOMES, Pedro Gilberto. *Em busca de um paradigma para a midiatização*. São Paulo: Loyola, 2024.

GRAEBER, David; WENGROW, David. *O despertar de tudo: uma nova história da humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

HAUSSEN, Doris Fagundes *et al.* A criação da Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul: desvelando o protagonismo feminino. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2025.

ROMANCINI, Richard. *O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico*. 505 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROSSINI, Miriam de Souza. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 98-105, 2014. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/71>. Acesso em: 22 set. 2025.

VANZ, Samile Andrea de Souza. *A produção discente em comunicação: análise das citações das dissertações defendidas nos programas de pós-graduação do Rio Grande do Sul*. 144 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

Juremir Machado da Silva

Professor Titular da PUCRS, tendo coordenado o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social de 2003 a 2014, e de 2022 a 2025. Vice-Presidente da COMPOS entre 2003 e 2005. Pesquisador de Produtividade A do CNPq, do qual foi membro do seu Comitê Assessor.

Antonio Fausto Neto

Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB, tendo lecionado antes na UNISINOS, UFRJ e outras. Vice-Presidente da COMPOS entre 1993 e 1995, e entre 1999 e 2001. Pesquisador de Produtividade A do CNPq, do qual foi membro do seu Comitê Assessor.

Christa Berger

Professora Aposentada da UFRGS, tendo coordenado o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação entre 1998 e 2000. Além da PUCRS, foi docente da UNISINOS pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, tendo sido coordenadora de 2007 a 2011.

Maria Helena Weber

Professora Titular da UFRGS, tendo coordenado o Programa de Pós-Graduação da FABICO entre 2000 e 2002, e entre 2009 e 2010. Vice-Presidente da COMPÓS entre 2001 e 2003. Coordenadora da área de Comunicação, Informação e Museologia da CAPES de 2011 a 2014.

Pedro Gilberto Gomes

Professor Titular da UNISINOS, tendo sido Vice-Reitor e Pró-Reitor de Ensino e Pesquisa e Pró-Reitor Acadêmico por 23 anos. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação desde 1994. Presidente do Conselho Superior da FAPERGS a partir de 2021.

Veneza Ronsini

Professora Titular da UFRGS, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação a partir de 2024. Por 38 anos, docente da UFSM, integrando o Programa de Pós-Graduação em Comunicação desde 2005. Pós-Doutora na NTU e na Loughborough University pela CAPES.

Otávio Daros

Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, enquanto Pesquisador de Pós-Doutorado do CNPq e da CAPES desde 2023. Pesquisador Visitante da UdeLaR, FU Berlin, UGent e outras. Editor Assistente da Revista FAMECOS.

Endereço para correspondência

Juremir Machado da Silva

Otávio Daros

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Escola de Comunicação, Artes e Design
Av. Ipiranga, 6681, Prédio 7
Partenon, 90619-900
Porto Alegre, RS, Brasil

Antonio Fausto Neto

Pedro Gilberto Gomes

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Escola da Indústria Criativa
Av. UNISINOS, 950
Cristo Rei, 93022-000
São Leopoldo, RS, Brasil

Christa Berger

Maria Helena Weber

Veneza Ronsini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Rua Ramiro Barcelos, 2705
Santana, 90035-007
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.